



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE PEDAGOGIA

ARICLÊ DO SOCORRO GONÇALVES DOS SANTOS

**VIDA, SABER E A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIRRO ALTO, A  
PARTIR DA TRAJETÓRIA DE MARIA DA CONCEIÇÃO**

SOURE-PA  
2023

**ARICLÊ DO SOCORRO GONÇALVES DOS SANTOS**

**VIDA, SABER E A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIRRO ALTO, A PARTIR  
DA TRAJETÓRIA DE MARIA DA CONCEIÇÃO**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Pará, como requisito de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, pela Faculdade de Educação de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, orientada pela Prof. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

**SOURE  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S237v Santos, Ariclê do Socorro Gonçalves dos.  
Vida, saber e a comunidade quilombola de bairro alto, a partir  
da trajetória de Maria da Conceição / Ariclê do Socorro Gonçalves  
dos Santos. — 2023.  
35 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Mulher e negra. 2. Saberes. 3. Educação escolar  
quilombola. I. Título.

CDD 370

---

# **ARICLÊ DO SOCORRO GONÇALVES DOS SANTOS**

## **VIDA, SABER E A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BAIRRO ALTO, A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE MARIA DA CONCEIÇÃO**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Pará, como requisito de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, pela Faculdade de Educação de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, orientada pela Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

### **Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Eliana Campo Pojo Toutonge  
Orientadora  
Campus de Abaetetuba (UFPA)

---

Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato  
Membro da banca  
Campus de Abaetetuba (UFPA)

**SOURE  
2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e sabedoria para seguir com os meus estudos, sou sempre grata por tudo que de bom que acontece na minha vida, diante de algumas dificuldades que eu tive no curso, principalmente na logística, alimentação a questão financeira algumas vezes.

Aos meus pais, Aelson dos Santos, Maria do Socorro Sarmiento Gonçalves, meu esposo Joza Santos, que nunca me deixaram desistir, sempre me incentivando para que eu pudesse concluir minha graduação.

A minha orientadora, Eliana Campos Pojo Toutonge, que se dispôs a me ajudar, sempre me deu força no sentido de fazer buscar conhecimentos e dizer que eu era capaz de aprender. Assim como no auxílio durante as orientações de forma presencial e a distância.

A Maria da Conceição da comunidade Quilombola de Bairro Alto, que foi fundamental para realização da minha pesquisa, contribuindo com informações necessárias e essenciais na produção da minha monografia.

Meus agradecimentos aos colegas de curso residentes em Soure e Salvaterra que também contribuíram direta ou indiretamente, na minha trajetória acadêmica, meu respeito e admiração por todos.

Aos professores e colaboradores, a mestrande Alaise Cristina Gonçalves dos Santos; professora, Maria Luciene Santos dos Santos, que de forma paciente puderam repassar seus conhecimentos.

***A TODOS MEU MUITO OBRIGADA!***

## RESUMO

Este trabalho trata da relação entre saber popular e educação quilombola, tomando como discussão a trajetória de vida de dona Maria da Conceição, uma mulher negra, quilombola e com sabedora das ervas medicinais. Buscamos entender melhor os processos que enredam os saberes, a vida da mulher negra num quilombo e as relações que possam existir com a educação formal, no espaço da escola quilombola. Assim, tivemos como objetivo principal, discutir o saber popular em interlocução com a história da comunidade, com base na trajetória da vida de Maria da Conceição Sarmiento dos Santos. Em uma abordagem qualitativa o estudo foi desenvolvido com base a pesquisa bibliográfica bem como a coleta de dados através de entrevistas e o registro fotográfico, sendo a ênfase a interlocução com a anciã Maria da Conceição, residente da Comunidade Quilombola de Bairro Alto, Salvaterra-PA. Os resultados desta pesquisa apontam que a figura da mulher e negra pela trajetória de vida da anciã constitui-se uma referência dentro do quilombo, sobressaindo suas vivências, experiências e saberes cujo legado já se faz presente na comunidade.

**Palavras-chave:** Mulher e negra. Saberes. Educação escolar quilombola.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>ILUSTRAÇÃO</b>	<b>PÁGINA</b>
Figura 1 - Mapa do território Quilombola da Ilha do Marajó	14
Figura 2 - Entrada da comunidade Quilombola de Bairro Alto	15
Figura 3 - Croqui da comunidade	15
Figura 4 – Fazenda Forquilha	16
Figura 5 – Fazenda Lucine	16
Figura 6 - Mapa da comunidade quilombola de Bairro Alto em Salvaterra	18
Figura 7 - Maria da Conceição Sarmento	23
Figura 8 - Certidão de Autodefinição do quilombo Bairro Alto.	29

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - TERRITÓRIO QUILOMBOLA E O SABER.....	11
1.1 Quilombo, Quilombola e Mulher Negra.....	11
1.2 Sobre a Comunidade Quilombola de Bairro Alto.....	14
1.3 Escola quilombola, saber e aspectos culturais.....	19
CAPÍTULO II - SOBRE A VIDA DE MARIA DA CONCEIÇÃO E SEUS SABERES.....	23
2.1 Vida e Saber de Maria da Conceição.....	24
2.2 Trajetória escolar, comunitária e a educação fora da escola.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
APÊNDICE.....	34

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da história de Tia Conce em relação ao saber popular e a identidade quilombola, precisamente o território da comunidade quilombola de Bairro Alto. O território fica na cidade de Salvaterra, onde atualmente existem outras dezesseis comunidades quilombolas.

O estudo evoca o saber do povo quilombola com suas tradições e, precisamente, a vida de uma moradora da comunidade no sentido de estabelecer uma relação do saber e da prática social da comunidade, que configuram modos de viver, ao mesmo tempo, a identidade da mulher negra residente nessa comunidade.

A trajetória de vida a partir do relato de Maria da Conceição tornou-se o aspecto mais importante, pois a mesma conhece a comunidade com propriedade e sabe dizer das transformações ao longo da história. Sua vida mistura, conhecimentos e aprendizados, ou seja, ela ao longo do tempo foi se tornando uma propagadora dos saberes que existem dentro comunidade. Ela carrega nas suas vivências todo um saber, precisamente o saber das plantas medicinais entre outros, destacando como mulher negra dotada de conhecimento da ancestralidade negra remanescente.

Assim, descrever a trajetória de vida de Tia Conce que permeia também saberes e lutas, profissão e aprendizado, contribui para o fortalecimento da identidade desse coletivo quilombola, diria que é, sobretudo, um ato de resistência, de fazer com que esses saberes e práticas não se percam.

Outro aspecto relevante do estudo é o sentido para a comunidade, pois a impulsiona na valorização da identidade e da cultura, e nesse sentido podemos alinhar com a pedagogia que acentua o aprender-e-ensinar associado entre o que as pessoas sabem e o que pode ser socializado pelo conhecimento científico. Ou seja, o estudo nos leva a refletir as pedagogias escolares, pela via da sala de aula e o saber local. Aponta-se, assim, para uma visão de educação escolar como processo formativo que se articula com a vida.

De certo modo, Tia Conce, representa a mulher negra do Brasil, e especialmente, a mulher negra do quilombo de Bairro Alto. No estudo, vamos tratar do saber de plantas cultivadas no quintal de sua casa. Ainda, por fazer parte do seu cotidiano de Maria da Conceição, além das plantas, utiliza também ossos, banha (óleo) de alguns animais domésticos no processo de cura. Sem contar na vivacidade da anciã que até os dias de hoje, faz a transmissão desse saber.

Com base nessas premissas, a investigação focou a seguinte pergunta: que saberes e como são transmitidos por Maria da Conceição? Esta inquietação nos incitou a entender melhor os processos que enredam os saberes tradicionais, a vida da mulher negra num quilombo e as relações que possam existir com o processo educativo formal e não-formal. No tocante a escola quilombola é uma discussão a ser aprofundada adiante.

Vale ressaltar que a pesquisa tem vinculação com a minha vida pessoal por ser moradora da comunidade e ter acompanhado toda trajetória de Tia Conce desde minha adolescência. Durante a trajetória da anciã na comunidade, foi possível eu perceber que ela possuía um saber especial que transversaliza sua vivência como líder comunitária, dirigente de igreja e o trabalho caridoso de cuidar e transmitir seu saber na escola. Esses enlaces, transmitiram a mim e a muitos uma motivação de luta e bem viver, desta forma tive a Tia Conce como inspiração e uma referência na minha vida. Seus conselhos transmitidos me impulsionaram a ultrapassar a condição a que meus pais passaram, entre os quais o da ausência de estudos. Paralelo a isso, aprendi a questão religiosa com ela, pois tive a oportunidade da vivência ao seu lado na igreja católica.

Para realização deste trabalho, tivemos como objetivo principal, discutir o saber popular em interlocução com a história da comunidade, com base na trajetória da vida de Maria da Conceição Sarmiento dos Santos. E os seguintes objetivos específicos: discutir o saber popular em relação ao currículo escolar, como forma de uma prática emancipatória e elucidar os processos educativos vividos pela trajetória de vida de Maria da Conceição, moradora do quilombo de Bairro Alto, Salvaterra-PA.

A investigação pautou-se em uma abordagem de cunho qualitativa que tem como características principais a postura do pesquisador, a forma de coleta de dados, a interlocução com os sujeitos, entre outros. No caso do estudo em tela a interlocução se deu a partir dos relatos de dona Maria da conceição considerando sua trajetória de vida no território quilombola. Assim, o estudo como afirma Gil (2004, p. 104) “vale-se de observações, [...] de entrevistas e mesos requisitos documentais quando estes são disponíveis”.

Seguindo, no percurso metodológico adotamos a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 186): “Ela servirá como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto”. Nesse caso, houve o aprofundamento da temática a partir dos seguintes autores como Gama e Duarte (2017), Munanga (1996), Barreto (2021), Nascimento (2022), aprendendo um pouco sobre o saber e a condição de ser mulher e negra.

Na parte dos documentos oficiais estudamos a Resolução nº8, de 20 de novembro de 2012, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, com ênfase a escola quilombola.

O aprofundamento teórico com tais autores nos ajudou para uma visão mais abrangente do tema em questão, em termos de saberes e do processo educativo dentro do território quilombola.

Na parte empírica, a maior interlocução foi com dona Maria da Conceição que teve início em março deste ano. No primeiro momento, houve o convite e aceite para sua participação na investigação, assim em seguida seguimos com o diálogo para a coleta de dados. Foi então, que passei a fazer visitas frequentes à residência da anciã visando dialogar sobre sua trajetória de vida, ser mulher e negra. Observar seus contatos comunitários e de ajuda com as plantas medicinais. Desta forma, com anotações a partir desse percurso, comecei a organizar as ideias principais com o intuito de descrever todo processo do diálogo e de informações para assim dar início a escrita do trabalho.

Junto da interlocutora principal, dona Maria da Conceição após o aceite de sua participação, procedemos com os termos de consentimento para uso de imagens, dos dados de sua entrevista e registros fotográficos, todas essas formas auxiliou a conhecer os saberes e fazeres da senhora Maria.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma. A introdução traz o tema, objetivos e os encaminhamentos da pesquisa. O primeiro capítulo intitulado “Território Quilombola e o Saber”, cuja centralidade perpassa pelo saber popular e o viver quilombola em mediação com a educação escolar quilombola. No segundo, “Sobre a Vida de Maria da Conceição e seus saberes” a ênfase é a trajetória de vida e o saber na comunidade quilombola de Bairro Alto. Nas Considerações Finais, ressaltamos a contribuição e o fortalecimento das tradições a partir da história de Maria da Conceição.

## CAPÍTULO I

### TERRITÓRIO QUILOMBOLA E O SABER

Este capítulo discute sobre o saber em relação ao currículo escolar, como forma de uma prática emancipatória. Ao mesmo tempo, dialoga com a vida de Maria da Conceição no que se refere e a sua história de mulher, negra e sabia, dos saberes da comunidade. A ênfase é o saber em relação ao currículo escolar de escolas quilombolas, como é o caso da comunidade de Bairro Alto como forma de elucidar a realidade que as escolas estão inseridas.

De acordo com Gama e Duarte (2017, p. 2) “O currículo é o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola”. Assim tal perspectiva abarca o contexto social nas mais variadas formas de aprendizagens dentro de um território em que os saberes que os alunos trazem, têm e sabem dizer da sua importância.

#### **1.1 Quilombo, Quilombola e Mulher negra**

“Quilombos – vocábulo de origem banto (quilombo) que significa “acampamento”. Para (Munanga, 1996, p. 58) sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Nesses termos, no que se refere ao art. 2º do Ato das Disposição Constitucionais Transitórias (ADCT). “[...] os grupos étnicos-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetórias históricas próprias dotadas de relação territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com resistência à opressão histórica sofrida”.

Com base no autor, fica explícito o quanto tais sujeitos foram deixados à margem da sociedade, logo valorizar seu legado é algo importante e educativo para a sociedade e, em especial para os Povos e Comunidades Quilombolas. São povos de saberes e fazeres inerentes ao cotidiano quilombola, que vão desde a tradição das plantas medicinais até manifestações das mais variadas e com alternativas atuais. No caso da experiência formativa de dona Maria da Conceição Sarmiento, trata-se do saber da cura, usada pelo grupo étnico da comunidade de Bairro Alto.

Hoje em dia esses grupos étnicos são considerados remanescentes devido sua diversidade, incluindo assim ocupação de terras e também heranças ou até mesmo doações (Turatti, 2002). Este autor assim explica:

os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes

propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção (Turatti, 2002, p. 5).

A comunidade está situada no Arquipélago do Marajó, localizado no meio rural do município de Salvaterra, fica a distância de 13km do Centro de Salvaterra até a comunidade.

Podemos dizer que nos dias atuais os territórios quilombolas são lugares que remetem a uma identificação de memória, de cultura e de resistência de um grupo que vive ante ao desafio da vida coletiva. Com destaque a sua identidade, onde o processo de autoafirmação também está ligado a transmissão de conhecimentos.

Este conhecimento faz parte da identidade deste povo, e nesse sentido, Santos (2018, p. 52) afirma que “o processo de construção da identidade racial do negro brasileiro se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece”. Porém, ainda se almeja que as pessoas negras ou não tivessem a capacidade de pensar criticamente, no sentido das nossas relações sociais e de nossas trocas de conhecimento entre outros.

Os saberes e as práticas de uma comunidade quilombola, estão enraizadas pelas tradições, ou seja, pelas vivências que cada pessoa carrega de seus ancestrais ou de sua própria trajetória de vida, são eles os seus próprios produtores dos conhecimentos tradicionais e a perpetuação destes. No quilombo em estudo se vive da agricultura, da caça e da pesca. Existe uma população de mais ou menos 600 moradores, possui uma associação cuja presidente que representa a comunidade é a senhora Marlete Carla Santos Leal.

Precisamente nesta comunidade as mulheres negras estão presentes e atuantes, e neste sentido, destaco a luta da mulher negra nesses espaços como lideranças a frente de lutas e ações pontuais, tornando-se figuras importantes como cozinheiras, professoras, parteiras, benzedoras, escritoras, exercendo esses tantos outros ofícios, rompendo inúmeras barreiras e desafios para ocupar os espaços, enfrentado pelas mulheres da comunidade. Significa que Santos (2018, p. 48) “É também a luta das mulheres negras e da comunidade negra”. As mulheres do quilombo têm em seu cotidiano as vivências sociais e culturais, assim elas se constituem em instrumentos para manutenção dos saberes na comunidade.

Diante deste contexto, trago à tona o existir de Maria da Conceição Sarmiento, como uma das primeiras lideranças da Comunidade Remanescente de Quilombo de Bairro Alto. Mulher negra, primeira professora da comunidade nascida em 1937 e atualmente com 86 anos de idade ainda exerce o ofício de benzedora. É comum mulheres como Maria da Conceição, “servirem a comunidade com seus saberes e fazeres ligados a empiria no dia a dia dos moradores, auxiliando na proteção, cura ou abrandamento de dor” (Barreto, 2021, p. 136).

Como vemos os saberes do povo são parte do cotidiano de uma comunidade e entram nas discussões quando se está à frente de lutas sociais por melhorias na condição da vida. Assim, ainda hoje, a luta da mulher negra continua acentuada quando se trata do mercado de trabalho, de sua inserção nas universidades e tantos outros espaços. Maria da Conceição conhecida na comunidade como Tia Conce (e adotado para a identificação da entrevista) narra sua trajetória de vida na educação e na comunidade, no saber e na luta.

Eu fui pra Soure com 12 anos de idade fazer a 5ª série em cidade que eu não conhecia, e com 15 anos de idade comecei a trabalhar como professora, então como eu era menor de idade na época para tirar os documentos tive que aumentar a idade para poder tirar os documentos e trabalhar como professora. Comecei a trabalhar em 1954, no mês de agosto, como uma turma de iniciante como era chamada antigamente até 4ª série. Em 1960 eu me casei e continuei sendo professora aqui na comunidade. Em 1972 aconteceu um curso que era complemento ao ensino da 8ª série, que o governo deu o nome de Madureza, tinha que ser feito em Soure, era só pelas férias por eu era professora, então eu fui fazer curso e completei o ensino complementar em 1980. Quando chegou o 2º grau em Soure eu fui fazer e fiquei 4 anos para concluir o Magistério e depois de formada eu pedir aposentadoria. Nessa época eu já estava com 32 anos de serviço e voltei aqui para minha comunidade, chegando aqui em 1986, chegou um programa em Salvaterra que era educação integrada e eu fui trabalhar, trabalhei 3 anos com educação integrada, voltada para o aluno que não tinha completado a 4ª série. Em 1988 fui convidada pelo Prefeito de Salvaterra João Graxa, para trabalhar com alfabetização aqui no Bairro Alto eu trabalhei 2 anos aqui e com 2 anos de serviço ele me demitiu, me exonerou né (Tia Conce, entrevista realizada em 12/03/2023).

No relato da anciã e sábia da natureza, podemos identificar sua trajetória comungada com um processo educativo, acentuando as dificuldades enfrentadas por ter que migrar do campo para a cidade. Desde jovem assumiu responsabilidades na comunidade e na sociedade, uma delas foi a de trabalhar como professora. Relata que como mulher não foi fácil naquele tempo e assumir uma posição de mulher jovem e como professora.

## **1.2 Sobre a Comunidade Quilombola de Bairro Alto**

“Ao longo da história brasileira, vários quilombos foram registrados, alguns com grande número de habitantes”, conforme sinaliza Neto (2023, n/p). No quilombo de Bairro Alto não é diferente, foram várias as lutas por reconhecimento do território, pela valorização das culturas e tradições, por direitos que ao longo do tempo foram negados, assim as comunidades quilombola vêm historicamente vivendo em coletividade, mobilizando-se e articulando formas de resistência contra os ataques de fazendeiros pela apropriação de suas terras dificultando para o reconhecimento e fortalecimento para manter suas tradições no território.

Esses territórios ainda sofrem pela ausência do reconhecimento e com as ausências de ações voltadas a população negra, seja no direito de títulos definitivos de suas terras, na

igualdade de direitos ao acesso à educação, saúde e moradia. É fato que a população negra resiste nos espaços de luta para garantir direitos igualitários. Para Costa *et. al.* (2020, p. 231) em tempos passados foi “possível inferir e pensar que o caminho da população brasileira era o embranquecimento e que os mestiços desaparecem, isso coincidirá com a extinção da raça negra em nosso país”. É nessa análise que ainda hoje persiste o preconceito e o pensamento de a população negra ficar em posição inferior e ter que se adequar a mestiçagem da população branca.

Nesse sentido, para Nascimento (2022) essa ideia reforça que a sociedade escravista e no contexto atual se nega enxergar a resistência dos grupos de africanos escravizados e seus descendentes no Brasil.

Extraída da Dissertação de Mestrado de Rivera (2017), trazemos localização dos territórios Remanescentes quilombola no Município de Salvaterra-PA.

**Figura 1:** Mapa do território Quilombola da Ilha do Marajó, PNCSA, 2017



Segundo estudos das pesquisadoras da UFPA, Rosa E. Acevedo Marin, iniciados nesta região a partir de 2002, as comunidades quilombolas de Salvaterra iniciaram seu processo de formação a partir de 1850. Na memória coletiva local também dizem de antepassados habitando a região e na comunidade, já durante o período da Guerra do Paraguai (1864-1870), conforme atestam os relatos de alguns anciãos da comunidade.

Os estudos informam que a comunidade também recebeu, a partir de 1900, migrantes de origem nordestina, os quais passaram a compor a população da mesma, entre os quais os Parnaíba, migrantes oriundos do Vale do Rio Parnaíba, representados hoje pela família Silva-Maciel, e, posteriormente, os Barroso e os Martins Associação Remanescente Quilombola de Bairro Alto (ARQBA *et. al.* Rivera, 2017). Abaixo, a entrada da comunidade Quilombola de Bairro Alto, em Salvaterra.

**Figura 2:** Entrada da comunidade Quilombola de Bairro Alto



Fonte: Ariclê Santos (2023).

**Figura 3:** Croqui da comunidade



Fonte: Cardoso e Cardoso, 2008.

A comunidade atualmente é habitada por aproximadamente 150 famílias e um contingente em torno de 600 moradores. Para chegar ao quilombo o percurso é feito por uma estrada vicinal que tem de cerca de 12 km de distância, saindo da sede do município via transporte terrestre, ou pelo atalho de 7km chamado de estrada do Clarindo que pode ser feito de bicicleta, carro, carroça, animais (boi, cavalo) Mototáxi, ou andando.

O quilombo fica de frente para margem do igarapé Matupirituba, um braço do rio Paracaurí, e faz limites com o terreno da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

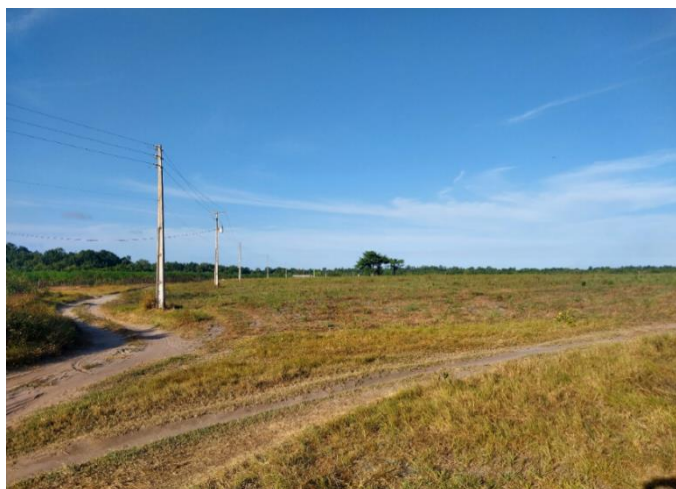
(EMBRAPA) e a fazenda Forquilha, denominada hoje como fazenda Lucine. A seguir, uma imagem da fazenda que é área fronteira com o território quilombola.

**Figura 4:** Fazenda Forquilha



Fonte: Carlos Ribeiro, julho (1996).

**Figura 5:** Fazenda Lucine



Fonte: Ariclê Santos (2023).

A população desse quilombo é constituída por descendentes de pessoas negras que foram escravizadas, e as fazendas que cercam o quilombo são os resquícios da presença da vinda desses escravos para trabalhar aqui na ilha de Marajó.

Vale ressaltar a formação dos quilombos de Salvaterra também enfrentou várias perseguições, muitas pessoas foram castigadas e torturadas até a morte, especialmente por expressarem o sentimento de revolta e a luta pela liberdade. Do lado de alguns fazendeiros escravagistas, são famílias que ainda hoje possuem terras e poder político nas cidades de Soure e Salvaterra. A luta por território é um processo que esta comunidade enfrenta até os

dias atuais, pois a maioria das terras que faziam parte das comunidades remanescentes foram invadidas por grandes latifundiários que se apropriaram das terras, com isso, acabou que faziam dos próprios donos da terra seus escravos, os quilombolas. Hoje o quilombo de Bairro alto em sua extensão territorial possui somente os terrenos referente aos quintais de suas casas e alguns metros quadrados.

A família Santos Marinho, possui um documento de registro de posse de terreno, expedido pela comarca de Soure, em nome de Joaquim Marinho dos Santos, o qual confirma a sua chegada na data descrita pelo seu bisneto Zeferino.

Assim, os primeiros habitantes da comunidade construía esse quilombo como originários vizinhos e com vários nomes como Sítio São Luís, Marinquara, Santa Maria, São Sabá, Valentim Caçador, Mãe de Deus.

Vemos assim, que a educação quilombola existe na comunidade, hoje associada a luta de jovens que saem da comunidade para estudar a nível Superior, desses alguns retornam à comunidade para contribuir com a mesma, logo, aderindo a identidade quilombola, para não perder o foco. Associada também a produção local, como é o caso da plantação de mandioca e de abacaxi, sendo uma forma de fonte financeira da comunidade, além das plantas medicinais que ganha força como valor étnico e ancestral para a comunidade. No caso das plantas e usos medicinais, o quadro abaixo, são de algumas existentes na comunidade:

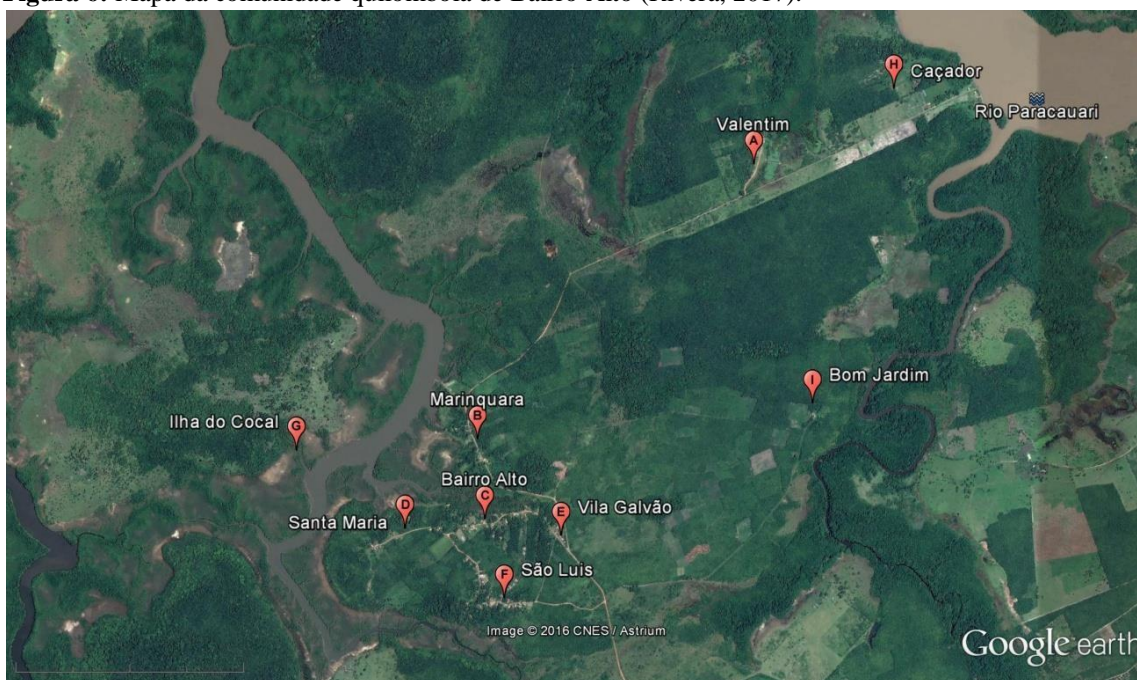
**Quadro 1** – Sobre plantas e usos medicinais

<b>Planta</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Parte Utilizada</b>	<b>Finalidade</b>
Caamembeca	Caamembeca	Folha	Diarreias causado por vento caído
Boldo	Peumus boldus	Folha	Dor intestinal
Alfavaca	Ocimum	Semente	Dor menstrual
Quina	Cinchona Officinalis	Folha	Tratamento de pediculose
Limão	Citrus	Folha	Dor de cabeça
Canela	Cinnamomum Verum	Folha	Dor de cabeça
Alfavacão		Folha	Dor de cabeça e gripe resfriado
Pimenteira	Capsicum	Folha	Quebranto
Pai –Joaquim	Dracena Fragraus	Casca	Infeção urinária
Ucuúba	Virola Suriamensis	Casca	Próstata
Pião	Jatropha Curcas	Leite	Câncer
Copaíba	Copaifera Langsdorffi	Casca	Asseio vaginal

Fonte: Maria da Conceição (2023). Org.: a autora.

O mapa a seguir, mostra a comunidade em uma imagem de satélite, demonstrando como está estruturada, ou seja, nela existe as divisões que são chamados de distrito que se identificam como bairros dentro do território.

**Figura 6:** Mapa da comunidade quilombola de Bairro Alto (Rivera, 2017).



O quadro abaixo evidencia os acontecimentos principais da comunidade, e servem de referência no sentido histórico da construção coletiva e de evolução até os dias atuais.

**Quadro 2** – Acontecimentos importantes na e da comunidade

ANO	ACONTECIMENTOS
1986	Fundação da comunidade.
1943	Fundação da escola
1947	Origem do nome “Barro Alto”.
1948	A escola recebe o nome: Escola Estadual de Bairro Alto.
1959	Fundação da festividade de São Pedro.
1980	Início da Festividade de Nossa Senhora do Bom Remédio.
1985	Inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Bom Remédio
1992	A comunidade recebe o Ensino Fundamental maior (anos finais)
1996	Construção do centro comunitário.
2001	Chegada da Energia elétrica
2004	Formação do Boi Primavera/ Fundação da associação Remanescente Quilombola de Bairro Alto.
2009	A comunidade recebe abastecimento de água encanada
2010	A comunidade recebe a declaração da fundação Palmares. - Ingresso quilombolas da comunidade na UFPA (Universidade Federal do Pará) através do Processo Seletivo Especial - Quilombola.

Fonte: Maria Luciene (2023).

O quadro traz o que aos poucos foi se desenvolvendo em várias frentes, como a educação, as manifestações religiosas e culturais, demarca o percurso de luta e resistência do território.

### **1.3 Escola Quilombola, saber e aspectos culturais**

Destaca-se aqui um pouco das experiências históricas, ancestrais e culturais vivenciadas na comunidade e suas implicações com a educação escolar quilombola, considerando os saberes e fazeres de Maria da Conceição e outros anciões da comunidade.

Nesse sentido, a educação escolar quilombola está vinculada a esse estudo, para isso recorro a Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, no art. 1, ao tratar do valor dos saberes de um território pelos sujeitos: “V- deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade”. Logo, em um sentido mais abrangente podemos destacar que educação escolar quilombola abrange os conhecimentos dos ancestrais, contemplando as dimensões sociais do cotidiano do quilombo. Porém, a realidade do processo educativo nas escolas quilombolas ainda segue o currículo padrão da Secretaria Municipal de Educação de Salvaterra (SEMED).

A atual proposta curricular da SEMED é igual para todas as escolas quilombolas, sendo responsabilidade do/a professor/a fazer as adequações dentro da realidade local, até porque o território quilombola possui vivências e saberes próprios.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Bairro Alto, foi fundada no ano de 1943, estando com 79 anos de existência, sendo seu prédio iniciado num local denominado Bom Jesus, pertencente a fazenda Campina, daí já teve como nome Escola Bom Jesus da Campina, tendo como educador o professor Sr. Sebastião de Assis Gonçalves, àquela altura a escola funcionava com alunos até a antiga 4ª série, em dois turnos manhã e tarde. Inicialmente a instituição era particular, ou seja, os pais que pagavam o professor para educar seus filhos.

Naquela época a escola funcionava no espaço de uma fazenda, a mesma foi vendida para o Governo Federal e a escola teve que ser transferida para a comunidade de Bairro Alto no ano de 1947. Logo foi criada uma nova Escola, mesmo diante das adversidades o coletivo obteve essa conquista. Com os esforços do professor Sebastião junto à gestão municipal, a instituição foi elevada à categoria de Escola Municipal, cujo município ainda era de Soure que tinha como prefeito Alberto Engelhard.

Em seguida, a Escola Municipal de Ensino passou a ter denominação de Instituto Público Estadual (IPE), e após este período com os alentos do professor Sebastião, foi promovida a Escola Estadual de Bairro Alto, a qual foi regida por ele durante 10 anos.

Atualmente a escola é intitulada Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Quilombola de Bairro Alto (EMEIQ) a qual conta com a condução do docente Raimundo Alberto, em termos de currículo das escolas quilombolas, a escola citada pouco trabalha questões que contemplam as vivências, as realidades e as histórias da comunidade, sendo trabalhado nas atividades pedagógicas e curriculares apenas o que conta na organização curricular do município, por uma equipe responsável da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). De acordo com os relatos do professor, os livros didáticos são os do Programa nacional do livro didático (PNLD), que não trazem a questão quilombola, pois são voltados para as regiões que as produzem. Ou seja, os docentes trabalham aleatoriamente, cada um à sua maneira.

Em relação aos saberes, além dos já mencionados, existiu a presença dos pajés no quilombo, que são detentores de algumas práticas que carregam consigo. Trata-se da pajelança herdada de ancestrais e ainda é bastante influente por aqui. Hoje, a comunidade não dispõe mais de nenhum pajé, dona Maria Noemi da Silva, que era curandeira no território e em outros lugares, realizava consultas e ensinava remédios com as ervas medicinais, a puxação de sacadura, a mãe do corpo e outros. Foi uma mulher importante, pois durante muito tempo transmitiu seus conhecimentos tradicionais.

As benzedoras, uma delas, Tia Conce, auxiliam no cuidado da saúde, sob o ritual da benção em crianças quando estão com vento caído, quebranto, mal olhado todas essas situações que causam sintomas como a diarreia, vômito ou bocejamento. O saber popular é uma realidade que faz parte do quilombo, sobressaindo que em épocas passadas significava com mais evidência do que hoje, um tipo de “medicina curativa”.

Os saberes e as práticas da comunidade quilombola de Bairro Alto, estão enraizadas pelas tradições, ou seja, pelas vivências que ela carrega de seus ancestrais ou de uma própria trajetória de vida, como é o caso de Tia Conce.

Reiteramos, quem faz parte desse coletivo de saberes e práticas está enraizada pelas tradições, ou seja, pelas vivências que cada pessoa carrega. São saberes de grande valia, devido as alternativas desses grupos tradicionais para resolverem situações cotidianas.

O estudo sobre o saber e a mulher, a partir da vida e experiência de Maria da Conceição Sarmiento dos Santos, focaliza essas práticas de cura, cuidado e saber que se entrelaçam no cotidiano desse quilombo como uma prática mais ampla com viés ancestral e da sabedoria do povo, dos negros e, em especial, da força da mulher. Precisamente, dona Maria da Conceição possui uma bagagem cultural singular e de existência que necessita ser discutida, reconhecida

e aprendida a começar pela própria comunidade. Essa arte adentra o que apontam Azevedo e Cardoso (2021):

[...] Embora se compreendam as influências culturais e sociais na busca por cuidados em saúde é essencial entender as estratégias de enfrentamento das enfermidades, a pluralidade de saberes e práticas, além de evidenciar que o cuidado possui diferentes formas e práticas (Azevedo e Cardoso, 2021, p. 28).

Destacar a importância das práticas e dos saberes, da mulher no quilombo é atual, urgente e situado politicamente por um contexto social, que esbarra/se cruza com o que é, de certa forma, uma realidade vivenciada em nossa sociedade, ou seja, o debate dos conhecimentos de um coletivo.

Assim, destacar o saber ancestral de um quilombo com características próprias e por meio, na maioria das vezes, da oralidade é algo relevante devido a questão mencionada, a de uma sociedade desigual e racista. Nesse caso, a ênfase foi para os saberes das plantas medicinais, como fonte do agir, pensar e fazer comunitário que identifica também o território. Segundo Registro (2021):

[...] Ademais é indispensável dar importância ao fato de que muito da propagação e resguardo desses saberes e vivências tradicionais é sustentado pelas mulheres, que são responsabilizadas pelo trabalho do cuidado desde os primórdios da humanidade e por conta disso estiveram perpetuamente mais próximas à natureza pelo processo de domesticação das plantas para o uso medicinal e alimentício dessas (Registro, 2021, p. 33).

Ou seja, muitos desses saberes ainda é transmitido por mulheres dentro de comunidades tradicionais. Por isso, as práticas de benzeção, uso de plantas medicinais, óleos fazem parte do processo de cura que é uma prática originária das pessoas mais velhas da comunidade. É o que afirma, Parente *et. al.* (2021) “é importante destacar também que o uso dessas plantas medicinais são parte de uma tradição ancestral dentro do Quilombo, uma vez que seu cultivo e uso corroboram para a manutenção destas práticas”.

No entanto, as novas gerações já tendem a recorrer mais as unidades básicas de saúde no quilombo. Ressaltando que as condições de serviços de saúde são precárias, não atende nem o básico, falta de medicação, material para curativos e o atendimento médico. Situação comum na realidade das comunidades remanescentes – nas populações tradicionais de modo geral, assim o saber da cura e do cuidado é também um meio procurado pelos moradores da comunidade.

Assim, o saber da comunidade é transmitido, socializado e vivido por este coletivo, com autonomia e hábitos particulares, tornando rico esses saberes e fazeres, mas que também precisa estar alinhado com a medicina atual, em casos mais graves. Portanto, esse conjunto de saberes só reforça que práticas culturais e de cuidado, de educação quilombola (re)existindo nos povos

tradicionais. Só reforça uma longa história de produção, de ancestralidade ou de tradição dentro da comunidade negra remanescente.

As manifestações culturais são parte do patrimônio de uma comunidade, que representam as lutas por igualdade social, e no caso do Bairro Alto também valoriza as memórias dos ancestrais. Tais manifestações sempre buscaram transmitir as ideias e fazeres coletivos dos primeiros habitantes que foram escravizados e que os descendentes não deixam que se percam. Estas manifestações são trocas e compartilhamentos de saberes e fazeres de cunho artístico, artesanal, educativo etc., outros de caráter afetivo, destacando-se a particularidade de cada um e sua prática. Para ilustrar no contexto no quilombo temos os festejos religiosos e da cultura. Na parte religiosa existem as celebrações da padroeira da comunidade de Nossa Senhora do Bom Remédio, em outubro e que acontece há mais de trinta anos.

Outras manifestações marcantes que acontecem na comunidade são: no mês de junho, é promovida pela Associação de pescadores celebrando São Pedro, a qual é manifestada já faz sessenta anos; o Grupo de dança afro intitulado Encanto quilombola e as quadrilhas que fazem parte de culturais no quilombo. Ainda, na comunidade possui um espaço cultural em memória ao Mestre Zampa, que foi compositor, cantor, tocador. Ou seja, sua vida foi totalmente conduzida pela cultura do boi bumbá, carimbó entre outros a favor do quilombo.

Neste capítulo, foi enfatizado a questão do território quilombola e os saberes existentes, o que de alguma forma se alinha com o currículo escolar da escola quilombola de Bairro Alto e com a mulher negra como símbolo de resistência, conforme descrito pela trajetória de Maria da Conceição dentro do território quilombola de Bairro Alto. Além disso, se ressaltou os aspectos culturais dessa comunidade e a pertinente relação com a educação escolar.

## CAPÍTULO II

### SOBRE A VIDA DE MARIA DA CONCEIÇÃO E SEUS SABERES

**Figura 7:** Maria da Conceição Sarmento



Fonte: Marcos Melo (2023).

Maria da Conceição Sarmento dos Santos, nasceu na comunidade em estudo no ano de 1937. Filha de Zineuzila Sarmento e Evaristo Sarmento, já falecidos. Vinda de uma família com treze irmãos, sendo seis homens e sete mulheres. Continua casada com Anésio dos Santos há 63 anos, gerando dessa relação onze filhos, desses já consta trinta e cinco netos, trinta e seis bisnetos e dois tataranetos. Hoje, tem 83 anos de idade e com todo vigor da sua negritude.

Na comunidade, estudou até a 4ª série, e em 1952 a convite do professor Sebastião Gonçalves (também da comunidade) foi estudar para Soure, município vizinho. Apenas com a 5ª série, começou a ministrar aulas com 15 anos de idade devido a necessidade de professor na comunidade. Atuou como professora 32 anos, ou seja, até 1988.

Além, de professora na comunidade, atuou também como dirigente da Igreja católica por 20 anos. Também, foi a primeira fundadora e presidente da Associação Remanescente de Quilombo (ARQBA) da comunidade pelo período de 2010 a 2012. Atuou como Agente Comunitária de Saúde (ACS) por quatorze anos, porém, hoje, encontra-se aposentada da função. Vale dizer que a comunidade se encontra sem o auxílio deste profissional tão importante.

Ainda, exerceu a função de coordenadora do Projeto Social pela Pastoral da Criança, vinculado a igreja católica com o objetivo de atuar, exclusivamente, em áreas pobres e miseráveis, trabalhando para reduzir a mortalidade infantil, a desnutrição, o analfabetismo e a exclusão social. Esta última atuação esteve associada ao seu acúmulo de saber das plantas e seu potencial curativo.

Sabemos que as comunidades tradicionais possuem um vasto conhecimento acerca da utilização e manejo das plantas medicinais com fins terapêuticos. Relações estas que perpassam por dimensões ambientais, de saúde, doença, simbologias. Neste sentido, Maria da Conceição, também auxilia, cuidou e cuida dos moradores de Bairro Alto como benzedeira, um saber ancestral, inerente a sua vida.

## **2.1 Vida e Saber de Maria da Conceição**

Dona Maria da Conceição traz em sua história de vida seu potencial como mulher, negra e fonte de saber, assim vejo como oportunidade de refletir sobre processos educativos informais, mas que dialogam com a educação escolar quilombola. Assim, passo a situar um pouco mais da história de vida de Maria da Conceição, com ênfase ao seu saber das plantas medicinais, por meio de processos/rituais de benzeção.

[...] Nesse sentido as histórias de vida se constituem em instrumentos importantes na leitura e releitura da realidade contribuindo para esse alargamento da história oral, lembrando que fala propicia a participação do indivíduo na condição de enunciador de seu discurso oralizado, muitas vezes silenciado e reprimido pela cultura hegemônica (Damacena, 2013, p. 17).

É importante dizer que, neste trabalho, tanto a história de vida e o saber de dona Conceição são enfatizados na perspectiva de tornar claro as vivências e experiências de uma trajetória também coletiva, isto é, da comunidade quilombola com seus saberes. A partir da vivência dessa anciã, é possível perceber a riqueza das relações comunitárias, da luta da mulher e da educação quilombola como processo vivido no território, porém, por vezes desmerecido pela escola. Dona Maria socializa seus saberes na família, comunidade.

Pensamos que a vida e o saber de Maria da Conceição poderiam abrir um bom diálogo no ambiente educacional, sem contar em outras formas a partir dos costumes, tradições e histórias vivas da comunidade, falando da experiência de vida, do uso de plantas medicinais e benzeções. Assim, constituir-se-ia estratégias dos saberes adentrarem no processo educativo da escola, e dessa forma as aprendizagens do território seriam fortalecidas.

Ainda, o saber de Tia Conceição presente no cotidiano da comunidade muito contribui na prática educativa dessas crianças, no sentido de elas aprenderem uma identidade local dentro e a partir dessas práticas.

O uso de ervas e a indicação de benzedeira, são práticas recorrentes na localidade, até porque a presença do médico é difícil, e o deslocamento para alguns mais complicado ainda. Assim, é raro no quintal ou pátio da residência de uma família não encontrar um remédio sendo cultivado. Por esse cultivo, são levados adiante a prática do saber que circula passando de

geração em geração; o costume ancestral se faz ritual, a ciência do concreto vai sendo preservada, e dessas formas a educação quilombola também se faz presente e produtiva na comunidade. Bairro Alto é uma comunidade que possuem pessoas com sabedoria das histórias ancestrais e atuam como transmissores da vida coletiva, há moradores que se destacam por seus enormes conhecimentos, tais como os da moradora Dona Cacilda da Silva, 83 anos, que já atuou como parteira, e usando de conhecimentos para a puxação<sup>1</sup>, também seu conhecimento prático discrimina se criança está na posição de nascimento e faz o acompanhamento desde o início da gravidez até oito dias após o seu nascimento.

Assim também afirma Tia Conce, reforçando o importante uso das plantas medicinais, que é um dom que “nasceu com ela”. Ela afirma ter o dom de realizar benzeção, diz que nasceu com ela, sendo “de muito valia, porque o povo crer por já terem visto acontecer curas em pessoas que foram desenganadas do médico, e me sinto muito grata a Deus por ajudar as pessoas através do dom que Deus me deu” (Tia Conce, entrevista realizada em 12/03/2023).

Práticas como a benzeção é algo que faz parte do dia a dia da comunidade, assim como, do contexto relacional de quem as pratica, provocando uma relação entre humanos e plantas cooperando para o bem-estar dos quilombolas. Fora da sala de aula, Maria da Conceição auxilia os sujeitos da comunidade que o seu vasto repertório acerca dos conhecimentos em torno das plantas e óleos nativos. Aliás, uma peculiaridade não apenas dos quilombolas de Bairro Alto, mais de milhares espalhados Brasil afora.

Nos seus relatos afirma que, desde muito jovem, teve grande força de vontade em persistir buscando a educação no sentido de mudar sua realidade. Por outro lado, o ofício como benzedeira carregou fortemente na perspectiva de reforçar os saberes existentes no quilombo a partir das suas vivências, desse lugar de memórias, de saberes e de ancestralidades. Sobre essa trajetória e percurso formativo por alguém, para Damacena (2013, p. 100), significa que “subjetividade e consciência social vão se constituindo a partir das relações e interações culturais vivenciadas ao longo de sua vida e do modo como sentem e reagem a ela”.

Ainda, se referindo a seus saberes e fazeres como prática recorrente na comunidade esta anciã, diz não saber como aprendeu:

Eu comecei a ajudar, e não tinha isso como profissão, mas como oportunidades que chegavam até mim, e eu atendia, né. Eu não sabia se isso era um dom, e a primeira coisa que até hoje eu me pergunto é como eu salvei uma criança, a muitos anos, devia ter uns 46 anos por aí. Eu estava aqui em casa e chegou um rapaz aqui da comunidade, perguntando se eu sabia de remédio para nascer a placenta, que a sobrinha dele tinha tido um neném ao meio dia, já era duas horas da tarde e a placenta não conseguia sair. Na ocasião mandei o rapaz com um enfermeiro da comunidade, para ver se indicava

---

<sup>1</sup> Diz respeito a leves movimentos de massagem pelas laterais da barriga da grávida.

algun remédio, no mesmo instante ele voltou, dizendo que o enfermeiro não sabia. Foi quando eu disse para ele, tu chegas na tua casa, enche uma colher de andiroba e dar para ela tomar, que eu estou indo lá. Quando eu cheguei na casa, a mulher estava deitada sobre uma esteira, a criança ainda com os restos do parto, o umbigo ainda não tinha sido cortado e a parteira ao lado. Na mesma hora pedir que a própria parteira fizesse o corte do cordão umbilical. Foi quando eu me aproximei dela, e ela começou a chorar, eu a acalmei dizendo que já ia sair daquele lugar. Fiquei de joelhos por traz dela, segurando a cabeça, e perguntei se eles tinham vinho e pedir para amornar o vinho e molhei em fralda e coloquei sobre a barriga. Com auxílio da parteira fizemos pequenos movimentos, agitando a barriga para que a placenta pudesse sair, em poucos minutos a placenta saiu (Tia Conce, entrevista realizada em 12/03/2023).

Seu relato é interessante e reforça suas práticas de cura que ainda hoje desenvolve na comunidade, e os muitos acontecimentos que ocorrem no seu cotidiano pois é comum os moradores recorrerem a ela. Como detentora de um saber e uma prática comunitária. Sua história, nesse sentido visa:

[...] possibilitar o encontro com as próprias potencialidades; estimular um olhar para si, através do qual, cada um se torne ator de sua história de sua vida e reconheça a si mesmo com sujeito; permitir que tome consciência do que é, do que foi do que pode vir a ser (Damacena *et al.*, 2013, p. 48).

A autora descreve o valor da história de vida do ser humano, no sentido de ser sujeito detentor da sua própria história ao longo dos anos, seja no presente, passado ou futuro.

Vivências como estas de Tia Conce, são narrativas inspiradoras para outras mulheres, que apesar de todas as fragilidades e ambiguidades, dizem da resistência quilombola inerente a este coletivo. Dizem de histórias de mulheres e Negras, de mulheres que lutam e fazem, sentem e vivem uma trajetória que tecida na teia formativa como fez a anciã trazida como enredo neste trabalho.

Nesse sentido, trata de saberes socialmente construídos, e que são importantes para a memória e resistência quilombola, os quais precisam ser valorizados e reconhecidos, pois a atuação dessa “especialista local”, ajuda as pessoas. Ao mesmo tempo que dialoga com a educação formal, porque de acordo com Parente *et. al.* (2021):

A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos. O homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. [...] Se num grupo de camponeses conversarmos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós (Parente *et. al.*, 2021, p. 92).

Como vemos, são saberes plurais, situados, importantes. No caso da comunidade investigada, a preservação desses saberes inerentes ao território faz parte deste universo, logo o ensino e aprendizagem não está restritamente aos espaços da sala de aula, mais em todos os ambientes e por diversas culturas, dentre as quais as formas culturais de quilombolas.

De modo geral, no que se refere as escolas quilombolas do município de Salvaterra/PA, a modalidade de educação escolar quilombola está em funcionamento, detidamente para os anos finais do Ensino Fundamental, mas isso não inviabiliza também acontecer nos anos iniciais pois todos e todas tem o mesmo direito (Brasil, 2012).

Especialmente, sobre a prática educativa da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Quilombola de Bairro Alto (EMEIQ), podemos dizer que acontece a relação com a educação do território, como por exemplo, há um envolvimento com a preservação da cultura local, com uso sustentável dos recursos naturais e com a importância dos saberes locais, fazendo partes das ações pedagógicas na escola. E dessa forma, o aluno é inserido no debate da sua cultura local, estimulado a compreender sua realidade seja ela no seio familiar, na escola e na comunidade. Até porque, no âmbito familiar é reforçado o repasse dos saberes, o entendimento de que o lugar, o Quilombo, é de resistência e de lutas.

Nesse sentido, o processo educativo da escola vem reforçando que as aprendizagens precisam fazer sentido, o que passa desde uma contação sobre a origem da comunidade, do igarapé que fica bem em frente da escola, e também de plantas medicinais existentes e para que servem, são essas transmissões e ensinamentos que a escola no quilombo de Bairro Alto tende a preservar. Segundo o relato da docente Mariete Leal, funcionária da escola e que trabalha com as crianças do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, realizam ações nesse viés, para além disso relatou formas e usos das plantas medicinais visando o processo de cura.

Disse ainda a professora que em suas aulas prioriza a realidade local do quilombo, incluindo aspectos culturais, narrativas e práticas existente na comunidade. A professora, reconhece a importância de o saber popular ser inserido na prática educativa de fato e não superficialmente. Como exemplo, um trabalho denso com as parteiras, já incitado pela dona Cacilda, para saber mais sobre essa prática tão antiga na comunidade.

O fato é que a escola sob uma interdisciplinar vem abarcando temas que dialogam com a realidade da comunidade, e assim são considerados os recursos naturais e demais ferramentas para as aulas. Certamente que não acontece diariamente, mas sempre que possível, com vistas as crianças conhecerem a respeito do quilombo em termos culturais e sociais, até porque são conteúdos e processos que são aprendidos desde o contexto familiar.

Nesse sentido as plantas medicinais são cultivadas nos quintais das casas, a parteira convive com as crianças etc., e assim é parte da vida e pode ser útil como componente de ciências. Exemplificando, algumas plantas são trazidas pelas crianças, como erva cidreira, capim-santo, boldo, arruda, alecrim, e crianças e a professora conseguem descrevê-las e dizer

para que serve, como para chás, banhos, dores e coceiras. Dessa forma, pensamos que a escola também está contribuindo para a valorização e preservação do quilombo em sua ancestralidade e da própria Amazônia.

E, como já dito, na formação dos sujeitos do quilombo, a educação precisa dialogar com o existir, assim que acompanhe as transformações da sociedade em diálogo com os saberes locais.

## **2.2 Trajetória escolar, comunitária e a educação fora da escola**

Como já dito, para estudar Tia Conce enfrentou dificuldades, mas chegou com sua escolarização até a 5ª série. Sobressai, ter assumido a docência com 15 anos de idade. Segundo relatos dela, devido ser menor de idade teve que alterar a idade para poder tirar os documentos e exercer a profissão. Mesmo sabendo dessa ação incorreta, o fez visando o estudo de pessoas da comunidade, uma vez que era difícil o acesso à educação na época. A turma tinha 51 alunos entre homens e mulheres com idades mais avançadas que a dela. Foi a primeira mulher jovem professora na comunidade.

A trajetória de vida de Tia Conce traz percursos escolares, comunitários e de educação na vida sociocultural aprendida com todos, entre todos e consigo mesma.

Na docência iniciada em 1954 a anciã enfrentou a dificuldade de estrutura física da escola muito próximo do que ainda se vive hoje, sem contar com a organização de ensino multissérie. Vivenciou sua sala de aula sendo dividida ao meio por que também eram celebradas as missas da comunidade. No entanto, teve um papel importante na comunidade na área da educação, por sua condução como professora na comunidade e em comunidade vizinha, cujo legado foi a forma de ensinar, onde foi reconhecida como excelente professora.

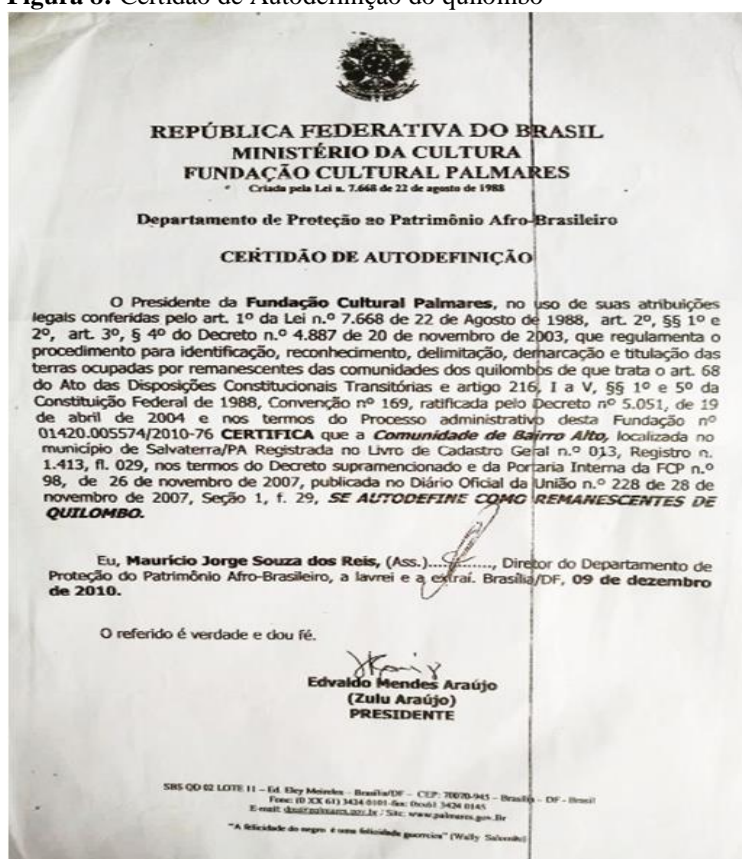
Na área da saúde atuou como concursada exercendo a função de agente comunitária de saúde, também na comunidade, com destaque as visitas regadas de muito zelo e cuidado com as famílias, fazendo um trabalho preventivo e educativo, com muitas informações sobre as doenças da época como a desnutrição e diarreia nas crianças. Como observamos, desde jovem assumiu o compromisso de atender as pessoas nas comunidades, das crianças aos mais velhos.

Sua trajetória de vida sempre foi marcada por lutas em prol do território remanescente quilombo de Bairro Alto, pensando no coletivo, no sentido do reconhecimento da comunidade. Embora alguns moradores da comunidade não fizessem caso de saber o que era uma comunidade quilombola remanescente, Tia Conce sempre acreditou que aquelas terras cercadas

por fazendas ao redor faziam parte do território. Significava parte da história como heranças deixadas pelos antepassados, de negros escravizados moradores desse local.

Tia Conce sempre participava de eventos relacionados as comunidades tradicionais, e hospedou em sua casa, Luís Cardoso estudante de Doutorado em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), que veio desenvolver trabalho na comunidade sobre as comunidades tradicionais no estado do Pará. Por ter um conhecimento vasto estava sempre dialogando com outros antropólogos como a professora Rosa Azevedo Marin, e foi dessa forma que este território foi reconhecido como Comunidade Remanescente de Quilombo, pela Fundação Palmares. Esse acontecimento deu-se em 26/11/2007, conforme consta no documento.

**Figura 8:** Certidão de Autodefinição do quilombo



Fonte: ARQBA Associação Remanescente de Quilombo de Bairro Alto, 2007.

Tia Conce como vimos possui em vida um legado de conquistas, desafios, e principalmente de fazer circular o seu saber de muitas lutas no campo pessoal e profissional. A trajetória como mulher e negra, como quilombola e amazônida, dotada de saberes que soube dialogar a partir de suas vivências transmitindo-os, cujas narrativas aqui trazidas evidenciam isso. Tia Conce nos revelou suas aprendizagens para além da escola, seus saberes galgados na experiência. A anciã tem muita disposição e força quando se fala em educação, devido sua transmissão de saber, servindo, inclusive, à escola como um pilar educativo. Suas experiências

fora da escola, ainda são pouco valorizadas no sentido de participar de ações educacionais voltadas ao compartilhamento de seu aprendizado e transmissão dentro do quilombo.

Neste capítulo, a ênfase foi para o saber da comunidade em interlocução com a história de vida de Tia Conce, ressaltando suas movências e resistências de mulher e negra, quilombola. Como tal, a anciã demonstra que seus saberes e fazeres fazem parte da história viva da comunidade, confirmando a sabedoria do povo e o quilombo transmissor de saberes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o intuito de fazer que as pessoas saibam que as comunidades quilombolas são povos que tem histórias e grandes experiências de vida. Nesse sentido, o estudo objetivou discutir o saber popular em interlocução com a educação escolar quilombola, a partir da trajetória da vida de Maria da Conceição Sarmiento dos Santos, e dessa forma dar visibilidade ao processo educativo inerente ao território quilombola.

Vimos que a trajetória de Tia Conce, teve uma contribuição pedagógica na prática social do quilombo bem como traz um valor ancestral que pode contribuir com o ensino-aprendizagem da escola quilombola de Bairro Alto, obviamente que precisa ser aprofundada na questão curricular, pontuando os saberes. É fato, que a de Escola de Bairro alto já está alinhando sua prática e vivencia fora dos muros da escola, fazendo com que essas crianças tenham uma experiência e agregar novas aprendizagens.

A pesquisa enfatizou a comunidade Remanescente Quilombola, com ênfase aos saberes e fazeres de Maria da Conceição, conhecedora dos rituais de benzeção e de plantas medicinais.

A comunidade de Bairro Alto, onde nasci e fui para a prática, onde cresci e sair para estudar até a Universidade Federal do Pará, e no curso de Pedagogia obtive novos olhares. Da teoria com as experiências em sala de aula estudando os autores que regem a pedagogia, foi possível chegar neste tema. Na prática, fazer o estudo inter-relacionando saber e a vida de dona Maria da Conceição, somou na minha experiência de quilombola de décadas, alargando meus conhecimentos a partir da trajetória desta anciã por meio de seus ricos saberes e da mulher atuante na comunidade, cujo legado fica aos descendentes.

Por meio deste estudo foi possível perceber o quanto é importante abordar temas como este, principalmente a partir da realidade de uma comunidade quilombola que guarda uma riqueza de saberes, de sujeitos protagonistas de histórias e carregados de conhecimentos como o de Maria da Conceição. A sua trajetória de vida, de mulher e quilombola só reforça como é possível reinventar as tradições nos dias atuais, usando práticas locais de costumes, rituais etc.

A vivência da Universidade e a experiência da comunidade garantiram aprendizados significativos levando para a sala de aula, em que os estudantes precisam saber quem são, e qual a importância dos mesmos na sociedade, tendo assim uma visão diferenciada, aproveitando a natureza amazônica em prol da comunidade quilombola. Assim, o quilombo vive.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ana Carolina da Silva Brito de; CARDOSO e CARDOSO, Luís Fernando. As enfermidades do corpo e as enfermidades da alma: sobre o método terapêutico das benzedeiças em Belém do Pará. 2021. **Amazônica - Revista de Antropologia**. Volume 14 (1) | 11 – 30.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov.2012, Seção 1, p 26.

BRASIL. **Decreto nº 4.887 de 20 de novembro 2003**. Ato das Disposição Constitucionais Transitórias (ADCT). Diário Oficial da União, Brasília, DF.

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2021.

CARVALHO, Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**[online] 2002, n.10. Acessado em: 29 de novembro 2023, pp.129-136.

DAMACENA, Fábíola Aparecida F. **Histórias de vida de Professores e suas implicações na prática pedagógica: um estudo na Vila do Treme em Bragança-Pará**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2013.

NETO, Porfírio José Francisco. **“Quilombola”; Brasil Escola**. Disponível em:<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/quilombola.htm>. [Acesso em 26 de novembro de 2023].

GAMA, Carolina Nozella; DUARTE, Newton. Concepção de currículo Demerval Saviani e suas relações com a categoria Marxista de Liberdade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online] v.21.n.62, pp:521-530. [Acessado 2 de Dezembro 2023]. Botucatu, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Andrade de Marina. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: editora Atlas S.A, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revistas, n 28:56-63, São Paulo, dez/fev.de 1995/1996.

NASCIMENTO, Ana Paula Vieira do. **Educação e Resistência**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Pará: Tomé-Açú/Pará, 2022.

PARENTE, Amanda de Jesus Araújo Trindade, SILVA Alana Sousa da; NETO, João Colares da Mota. A cura popular: saberes tradicionais como prática pedagógica em defesa da sustentabilidade no quilombo menino jesus de Pitimandeuá, em Inhangapí (Pa). **PRACS:**

**Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais** da UNIFAP. <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 14, n. 4, p. 87-103, out./dez. 2021.

REGISTRO, Milena. **Plantas que curam. Práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira**– Bacharel em Antropologia- Diversidade Cultural Latino-Americana. Universidade Federal de Integração Latino-Americano (UNILA). Foz do Iguaçu, 2021.

RIVERA, Rafael de. **Trajetórias das práticas alimentares na comunidade quilombola de Bairro Alto**, Ilha do Marajó, Salvaterra – Pará / Rafael de Rivera. - 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa Amazônia Oriental, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2017.

SANTOS, Kátia. **Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-(PARFOR)**. Ministério da Educação – Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – MEC/CAPES. Universidade do Estado do Pará – UEPA. Belém, 2018.

SANTOS, dos Sarmiento Conceição da Maria. [Benzedeira entrevistada]. **Entrevista concedida a Ariclê do Socorro G. dos Santos**. Comunidade Quilombola de Bairro Alto Salvaterra/Pa, 12 de março, 2023.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade*[online] 2002, n.10[Acessado 29 de novembro 2023, pp.129-136. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Brasil, junho de 2002.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – Roteiro De Entrevista (Maria da Conceição)

- O que ser mulher negra no quilombo?
- O que é essa medicina tradicional? Que saber é esse?
- Como você aprendeu esses saberes?
- Quando iniciou a pratica desses saberes?
- Como você usa esses saberes no seu dia a dia?
- Como é sua pratica dentro da comunidade?
- Qual a importância desses saberes na comunidade na comunidade?
- Como você se considera tendo esse saber como como mulher Negra Quilombola, marajoara e Amazônia?

### APÊNDICE 2

#### Roteiro De Entrevista (Maria da Conceição)

- Como foi seu processo educativo?
- Como foi ser professora aos quinze anos de idade? Foi difícil?
- Qual seu método de ensino naquela época? É diferente dos dias atuais?
- Qual foi sua dificuldade durante as aulas com esses alunos, sendo eles com mais idade que você?
- Como foi difícil conciliar estudo e trabalho, para uma menina de quinze anos de idade na época?
- Você fala da sua experiência como professora de antigamente, na sua família na comunidade? e o que mudou?
- Algum de seus filhos seguiu a carreira de professor?
- Você consegue descrever sua trajetória de vida antes, durante e depois de vários anos fora da sala de aula?

## APÊNDICE 2



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos por meio deste termo solicitar sua colaboração para registramos através de áudio, vídeo ou fotografia as atividades por você desenvolvida como benzeção, rezas, banhos, chás, para fornecer documentos oficiais como relatórios ou mesmo entrevista, relacionados à prática que você desenvolve. Solicitamos, também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos da área da educação. Por ocasião da publicação das informações, tendo a sua identidade disponibilizada ou não, isso mediante sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para o seu trabalho ou vida social ou pessoal. Esta atividade de observação e levantamentos de dados faz parte da pesquisa para o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema: Vida, Saber e a Comunidade quilombola de Bairro Alto, a partir da Trajetória de Maria da Conceição. E está sendo desenvolvida pela aluna ARICLÊ DO SOCORRO GONÇALVES DOS SANTOS, matrícula 201881240035, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA – Abaetetuba/Polo Soure), turma 2018, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge (UFPA). Maria da Conceição está ciente e autorizou realização desta entrevista.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Eliana C. P. Toutonge  
FAECS/Campus de Abaetetuba/UFPA

\_\_\_\_\_  
Ariclê do Socorro Gonçalves dos Santos  
Estudante de Pedagogia-Formanda

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa